

MEUS CAROS CONFRADES

José Alberto Couto Maciel

Hoje é uma tarde de sábado, 11.07.2020, mais um dia que estou em quarentena, como todos nós, aguardando uma solução para o COVID.

Vejo na Academia os Confrades apresentando lives, discutindo problemas dos mais relevantes na área trabalhista e com enfoque no social, na defesa dos mais sofridos com essa pandemia, e evidentemente me orgulho desse trabalho tão relevante que presta a Academia ao Direito do Trabalho e ao país.

Verificamos nesse tempo, desde março, que certamente existiram milhares de demissões, empregados sem trabalho e sem dinheiro para sustentação deles e da família, empresas fechando as portas e a economia despencando. Tudo fruto de algo que pegou o mundo de surpresa.

Mas, ao mesmo tempo, vejo que o Governo tem baixado medidas provisórias tentando corrigir, dentro do possível, essas questões sociais, mediante essas normas, transformadas em lei, criando pagamentos para quem não tem relação de emprego, conseguindo crédito para os que tiverem suspensos seus contratos de trabalho, cobrindo reduções salariais em percentuais cabíveis, possibilitando levantamentos no FGTS, dando créditos a empresas aéreas, marítimas e muitas outras, gastando valores superiores a bilhões de reais.

E sobre essas alterações nas relações de trabalho, como também na ausência do trabalho, temos visto lives de brilhantes juristas de nossa Academia, hoje comandada pelo notável Alexandre Agra Belmonte.

Mas um fato tem me preocupado mais do que tudo isso. É que, ao meu ver, temos que iniciar essas defesas em decorrência do COVID pelos que mais necessitam de ser defendidos e para esses não há Medidas Provisórias, não há defesas de saúde, não há nem lives, porque não existe relação de emprego.

Estou colocando essa situação por uma razão decorrente de uma atuação voluntária que tenho feito, e que não começou no COVID. Vejam, não se trata de org, ou de Fundação, ou o que quer que seja desse tipo.

É que na Ceilândia, bairro mais pobre e mais violento de Brasília, existem talvez milhares de sem teto. São pessoas que não têm emprego, não têm família, ou a família desmora junto, dormem próximos em grupos para neles não colocarem fogo, e não têm clínica

de saúde, nem abrigo, nem restaurante ou qualquer comida, não existindo nem mesmo banheiro ou água potável para suas necessidades.

Por isso e vendo o estado dessas pessoas através de um funcionário do meu escritório que faz um trabalho local de caridade, aluguei um pequeno galpão lá na Ceilândia, e nele fiz banheiros , uma barbearia e numa sala coloquei computadores onde crianças têm recebido aulas, além de uma pequena cozinha na qual os voluntários locais fazem comida e distribuem, mediante uma caminhonete velha que arranjei, comida para os sem teto.

Não ponho “a mão na massa” mas apenas separo um pequeno valor para ajudar esse pessoal. Dessa forma, jantam quartas e domingo, tomam banho e têm barbeiro local quando possível.

Nada de grandioso, coisa pequena, coisa minha, mas consigo dar uma média de quinhentas refeições semanais, o que não é nada, mas já é alguma coisa.

Então, esta tarde, comecei a pensar porque o Governo, que tem bilhões para cobrir o prejuízo dos que trabalham e estão agora desempregados, ou para ajudar as empresas que estão fechando, e isso é muito bom, mas meu pensamento foi no sentido de qual a razão de não se começar essa ajuda para aqueles que, com COVID OU SEM COVID, não comem, não têm hospital, não têm higiene, ou porque não têm emprego, ou porque não têm seguridade social.

Vejam, se em cada cidade o governo, federal, estadual ou municipal e nem sei mesmo qual a competência, mas se em cada local fosse feita uma norma obrigando a que fosse aberto um galpão para dar gratuitamente almoço e jantar para esses sem teto, até que arranjassem uma colocação, podendo ser usado os alimentos dos restaurantes de todo o Brasil que no outro dia são jogados fora.

Se, ao lado de um galpão desses houvesse outro, com dormitórios para os que precisassem, e sei que existem abrigos mas de forma alguma a ponto de resolver essa questão.

Se realizado esse trabalho sugerisse o órgão governamental que médicos voluntários atendessem ou apreciassem a saúde de cada um que vive temporariamente naqueles dormitórios.

Bastariam pequenas medidas desse tipo, que não custariam quase nada ao Governo, o qual demonstra ter dinheiro para garantir os necessitados durante o covid, bastaria algumas poucas medidas para garantir a vida e o final desse COVID permanente que é a história desses sem teto.

Somente para complementar, tenho um zap mostrando um sem teto que foi até o meu galpão comer e antes de qualquer coisa começou a rezar agradecendo a Deus porque não comia há três dias.

Peço desculpas aos confrades por esse desabafo todo mas digo tudo isso para ver se algum de vocês, que conhece bem essa forma de atuação através de lives, se anime a fazer uma , com diversos Confrades interessados, sobre soluções que possam ajudar aos sem teto, durante e após o COVID, porque, na verdade, todos são trabalhadores sem trabalho e fazem parte do nosso direito social.

Quem tem COVID pode se tratar, melhorar, ou até falecer, precisando de toda assistência de saúde e de garantia no seu emprego, mas os sem teto, com covid ou sem covid , não podem melhorar, mas, ao contrário, sem nossa ajuda a morte deles é certa e decorrente da fome.